

# CIDADE ABERTA

PEDRO MAIA



## Censo vai revelar a quantas anda o Brasil

**N**ada menos de 3.387 recenseadores estão em atividade no Espírito Santo, realizando o Censo 2010, que acontece em todo o Brasil desde segunda-feira e vai se estender até 31 de outubro, quando deverá mostrar a quantas estamos nesses 10 primeiros anos do século XXI. Este que vos escreve participou do recenseamento de 1960, o primeiro no País após a Segunda Guerra Mundial.

Foi uma experiência altamente gratificante, em pesem os sacrifícios para levar a empreitada a bom termo.

Agora, o trabalho está sendo executado com auxílio de modernos computadores portáteis, enquanto naqueles tempos os boletins, enormes e minuciosos, eram preenchidos na base da esferográfica sobre a prancheta apoiada nos joelhos.

Nossa inesquecível incursão pelo mundo da estatística oficial se deu graças ao saudoso Tito Lívio Vicenzi, então diretor regional do IBGE, que nos desafiou a participar do censo, alegando que seria fato histórico, pois desde 1940 não se sabia a quantas estava o País em termos de população e situação econômica.

Primeiro, operamos dentro da capital e nos demos muito bem. Recenseamos quatro setores em tempo recorde: Morro do Forte, Morro do Romão, Morro do Quadro e boa parte da avenida Jerônimo Monteiro até os altos da rua Coronel Monjardim, o que nos encorajou a partir para o censo rural.

Em agosto daquele ano, no auge dos nossos 20 anos, cheios de fé e amor pra dar, seguimos para o interior de Colatina com os também recenseadores Vicente Portela e Aloísio Silveira.

Nosso destino foi primeiro São Gabriel da Palha, depois Barra Seca e Vila Valério, que naquele tempo eram distritos colatinenses. Então, teve início nossa aventura.

Não havia condução até as propriedades rurais. O trabalho tinha de ser feito a pé e as distâncias entre as fazendas eram continentais.

Em São Gabriel da Palha, nossa primeira base de trabalho, em

termos de hospedagem só existia a tradicional Pensão do Povo, cujos banheiros ficavam instalados sobre uma armação de madeira fantástica e perigosa.

Saiamos pela manhã e voltávamos à noite estuporados e, muitas vezes, com fome, pois não era fácil convencer habitantes da região de que só pretendíamos recolher dados sobre a situação econômica, ao invés de listar seus bens para o governo se apropriar deles.

Esse comportamento era resquício da época da guerra, quando grupos de espartalhões usaram o nome do governo para pilhar interiores desavisados.

Pois agora, 50 anos depois, ainda há pessoas que se negam a receber recenseadores, alegando medo de assaltos.

Infelizmente, é sinal dos tempos, mas recenseadores trabalham uniformizados, munidos de crachás identificadores que podem ser facilmente conferidos. Basta um telefonema para o número 0800 721 8181, impresso nos coletores que eles usam.

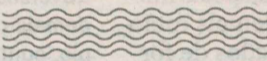
Depois de São Gabriel da Palha nos transferimos para Vila Valério, onde a situação era pior. Lá nem pensão havia, ficamos na casa de

um líder político que falava mal de todo mundo e não queria que visitássemos alguns de seus desafetos.

E assim, a duras penas, gastamos no tal do censo rural o que havíamos ganhado no censo da capital. Mas valeu a pena, a experiência que adquirimos nos foi útil para o resto da vida.

Até hoje, quando passamos pela região, agora bem diferente do que era nos anos 60, sentimos saudades daquela época.

Ou serão saudades dos nossos 20 anos?



**Este que vos escreve participou do recenseamento de 1960, o primeiro no País após a Segunda Guerra Mundial**